



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI  
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA  
ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**



VINÍCIUS MACHADO MIRANDA

**Além do livro: o vídeo como recurso pedagógico para as aulas de  
Literatura Brasileira**

São Sebastião do Paraíso/MG  
2019



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI  
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA  
ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**



Vinícius Machado Miranda

**Além do livro: o vídeo como recurso pedagógico para as aulas de  
Literatura Brasileira**

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vanessa Jaqueline da Silva Vieira dos Santos

Monografia apresentada à disciplina de  
Trabalho de Conclusão de Curso como pré-  
requisito para aprovação na mesma.

São Sebastião do Paraíso/MG  
2019



Universidade Federal  
de São João del-Rei

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI  
LEI Nº 10.425 DE 19 DE ABRIL DE 2002, D.O.U DE 22 DE ABRIL DE 2002



NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI – UFSJ  
INSTITUÍDA PELA LEI Nº 10.425, DE 19/04/2002 – D.O.U. DE 22/04/2002  
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - NEAD – UFSJ  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

### ATA DE DEFESA DE TCC

CANDIDATO (A): Vinícius Machado Miranda

NÍVEL: ( X ) Especialização ( ) Mestrado ( ) Doutorado

DATA DA DEFESA: 23/03/2019

HORÁRIO DE INÍCIO: 20H20

LOCAL: São Sebastião do Paraíso

#### MEMBROS DA BANCA

NOME COMPLETO	CPF	FUNÇÃO	TÍTULO	INSTITUIÇÃO DE ORIGEM
Vanessa Jaqueline da Silva Vieira dos Santos	264.325.078-80	Presidente	Doutorado	UNICAMP
Juliana Mara Flores Bicalho	050.123.226-57	Membro 1	Mestrado	UEMG
		Membro 2		

TÍTULO: ALÉM DO LIVRO: O VÍDEO COMO RECURSO PEDAGÓGICO PARA AS AULAS DE LITERATURA.

Em sessão pública após exposição o (a) candidato (a) foi arguido oralmente pelos membros da banca, tendo obtido a seguinte nota 10.

(X) Aprovação por unanimidade.

( ) Aprovação somente após satisfazer as exigências que constam na folha de modificações, no prazo fixado pela banca (não superior a quinze dias).

( ) Reprovação.

Na forma regulamentar, foi lavrada a presente ata, que é abaixo assinada pelos membros da banca, na ordem acima relacionada e pelo candidato.

Local e data: São Sebastião do Paraíso, 23 de março 2019

Presidente: \_\_\_\_\_

Membro1: \_\_\_\_\_

Candidato: \_\_\_\_\_

Obs.: O aluno deverá encaminhar ao professor orientador do curso, no prazo máximo de 15 dias o exemplar definitivo da Monografia postando na plataforma.

Observações: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

## **AGRADECIMENTOS**

Este trabalho só pôde ser concluído graças ao esforço de várias forças transformadas em pessoas das quais não caberiam aqui, mas que possui um lugar em meu coração.

A Deus por me dar o dom da vida, por conseguir colocar nestas folhas, um pouco do que acredito ser parte de uma verdade para ajudar a transformar muitas pessoas e cenários em aprendizado.

Agradeço à minha mãe, mulher de fé e de fibra que me incentivou em tantos momentos de desânimo, sempre com uma palavra certa para cada coisa.

Agradeço à tutora do curso, Elisângela Ribeiro que na primeira parte do curso foi um apoio fundamental para que o aprendizado chegasse a esse patamar.

Gratidão, eterna gratidão à Adriene Santanna pelo apoio, paciência, força, carinho, enfim, por ter acreditado em mim quando nem eu mesmo achava que tivesse alguma solução.

Agradeço a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vanessa Jaqueline que não mediu esforços para recusar tantas tentativas de acertos, obrigado pelo carinho, pela formação e pela forma como conduziu este trabalho.

Enfim, agradeço a toda a equipe do Polo de São Sebastião do Paraíso na pessoa do Renan, que muito gentilmente sempre disposto a dar as informações. Aos demais funcionários da UFSJ pelo carinho e atenção sempre!

## RESUMO

Com a chegada da internet no mercado, a vida do homem modificou, tudo ficou mais rápido e as informações passaram a ser geradas em tempo recorde, isso facilitou a vida do homem pós-moderno, tornando-o mais flexível e com diversas habilidades. As escolas passaram então a incorporar uma nova forma de utilização do conhecimento que foi além do livro didático. O ensino passou a ser feito com a ajuda de aplicativos, computadores, celulares, assim como vídeos, a fim de auxiliar no aprendizado dos alunos. Deste modo, o objetivo deste trabalho é o de contribuir, a partir da revisão bibliográfica, para responder ao questionamento de como o vídeo pode contribuir para o ensino da Literatura. Assim, o uso do vídeo passou a ser pensado também como uma possibilidade de atividades pedagógica e aprimoramento do ensino e da aprendizagem, de tal forma a aperfeiçoar o conteúdo da Literatura somado ao vídeo em sala de aula.

**Palavras-chaves:** Literatura. Educação. Vídeo. Aprendizagem.

## ABSTRACT

With the arrival of the internet on the market, man's life changed, everything got faster and started to be generated in record time, this made life easier for the postmodern man, making him more flexible and with diverse skills. Schools then incorporated a new way of using knowledge that went beyond the textbook. Teaching began to be done with the help of applications, computers, cell phones, as well as videos in order to aid in student learning. In this way, the objective of this work is to contribute, from the bibliographic review, to answer the questioning of how the video can contribute to the teaching of Literature. Thus, the use of video has also been thought of as a possibility for pedagogical activities and improvement of teaching and learning, in order to improve the content of Literature added to video in the classroom.

Keywords: Literature. Education. Video. Learning.

**SUMÁRIO**

<b>I) INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>I.1) OBJETIVOS E JUSTIFICATIVAS .....</b>	<b>2</b>
<b>I. 1.1) OBJETIVO GERAL .....</b>	<b>2</b>
<b>I.1.2) OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....</b>	<b>2</b>
<b>I.1.3) JUSTIFICATIVAS.....</b>	<b>2</b>
<b>I.I) MÉTODO .....</b>	<b>3</b>
<b>I I.1) RECURSOS UTILIZADOS .....</b>	<b>3</b>
<b>III) LEVANTAMENTO TEÓRICO .....</b>	<b>4</b>
<b>III.1) LITERATURA E A FORMAÇÃO DOCENTE.....</b>	<b>5</b>
<b>III.2) RELAÇÃO ENTRE LITERATURA E O VÍDEO .....</b>	<b>11</b>
<b>III.3) O ENSINO DE LITERATURA COM A UTILIZAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>III. 4) O VÍDEO COMO RECURSO PEDAGÓGICO PARA O PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA TRABALHAR A LITERATURA .....</b>	<b>17</b>
<b>IV) CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>20</b>
<b>V) REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>22</b>

## I) INTRODUÇÃO

O cotidiano das pessoas tem sido tomado pela presença massiva de aplicativos, redes sociais, vídeos, enfim, da internet e da tecnologia. O número de pessoas que assistem a filmes pela Netflix ou YouTube tem aumentado drasticamente, assim como as compras realizadas virtualmente.

Diante desse cenário, quando se pensa nas novas possibilidades de utilizar o vídeo em sala de aula, exige-se apontar as contribuições a que esta mídia trará para o processo de ensino e aprendizagem. Há diversas possibilidades de desenvolvimento de novos métodos de ensino com o uso de mídias, proporcionando aos alunos contato também com a forma televisionada ou teatralizada na linguagem do vídeo, atraindo a atenção dos jovens para o conteúdo. Ao usar um recurso (vídeos) tão explorado pelos próprios alunos no mundo virtual, os professores podem tornar as aulas mais prazerosas, uma vez que os vídeos estimulam, auxiliam no entendimento, e geram emoção ao conteúdo.

Este trabalho tem como foco de investigação a análise de possibilidades de utilização de vídeos como recurso pedagógico, isto é, de como esta mídia pode ser trabalhada em sala de aula à Literatura, juntamente com as novas possibilidades de interação entre os alunos e dos alunos com o conhecimento.

Ao considerar que o vídeo tem sido uma ferramenta de aprendizagem de conhecimentos escolares ou não escolares, buscou-se responder as seguintes questões: como o vídeo pode auxiliar na aprendizagem da Literatura? Qual a dificuldade enfrentada pelos alunos que, em alguns casos, faz com que parem suas leituras? Será que consideraram as obras com teor complicado, rebuscado e difíceis de serem entendidos?

Diante disso, é importante refletir sobre a possibilidade de, além de utilizar o livro didático em sala de aula, o professor possa utilizar recursos pedagógicos diferenciados, como é o caso de vídeos, na disciplina de Literatura Brasileira, uma vez que pode facilitar o entendimento dos conteúdos e, com isso, possibilitar que os alunos participem ativamente do processo de ensino-aprendizagem.



## **I.1) OBJETIVOS E JUSTIFICATIVAS**

### **I. 1.1) Objetivo Geral**

O objetivo principal deste trabalho é compreender como os vídeos podem ser utilizados como recurso pedagógico nas disciplinas de Literatura.

### **I.1.2) Objetivos Específicos**

- Oferecer pressupostos teóricos sobre o uso de um recurso tecnológico, isto é, o uso do vídeo em sala de aula por docentes.
- Compreender de que forma professores da disciplina de Literatura podem utilizar vídeos a fim de favorecer a aprendizagem de seus alunos.
- Identificar as possíveis dificuldades enfrentadas pelos docentes ao utilizar o vídeo em sua prática pedagógica em sala de aula.

### **I.1.3) Justificativas**

Cabe lembrar que este trabalho não pretende se aprofundar nas questões apresentadas, mas busca apontar caminhos e possíveis respostas para o uso do vídeo em sala de aula como recurso pedagógico, e o aperfeiçoar de informações pertinente à Literatura no campo semântico, a fim de o aluno compreender o conteúdo ou o período literário pertinente à aula em que o professor está ministrando.

Entende-se “vídeo” aqui descrito como: vídeo documentário, ensaio de poesia e prosa e/ou fragmentos de filmes devidamente supervisionados pelo professor.

O uso dos recursos tecnológicos, em especial, dos vídeos em sala de aula pode ser uma forma de contribuir para que os alunos compreendam certos conteúdos de forma ampla e prática tornando o saber mais interessante e a fixação do conteúdo mais eficaz.

Com a globalização, o processo educacional passou a ser observado com olhar mais tecnológico, uma vez que esta formação é feita pelo próprio aluno em tempo real, este se orienta em uma formação a partir de um novo conhecimento, e de novos desafios. E é neste sentido que Freire argumenta que

A educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como realidade ausente dos homens (FREIRE, 1997 apud Gomes, 2000, p. 3).

Com as novas tecnologias é preciso que a escola se conscientize de que são necessárias mudanças na forma de ensinar para alcançar objetivos maiores na educação, uma vez que os estudantes possuem uma maneira diferente de aprender.

A reflexão que se propõe, por ser autêntica, não é sobre este homem abstração nem sobre este mundo sem homens, mas sobre os homens em suas relações com o mundo. Relações em que consciência e mundo se dão simultaneamente. Não há uma consciência antes e um mundo depois e vice-versa (FREIRE, 1997 apud SOUZA, 2010, p. 74).

É neste sentido que a escola, apoiada aos ensinamentos do professor deve organizar sua proposta pedagógica, considerando as novas possibilidades tecnológicas a fim de estabelecer uma relação crítica-produtiva do que se é adquirido como conhecimento, assim como a forma de usá-lo na sociedade.

Assim, realizar uma pesquisa sobre como o vídeo contribui para o processo de ensino-aprendizagem de Literatura, é importante, pois os alunos que estão ligados aos recursos tecnológicos e compreendem e utilizam os vídeos como ferramenta de aprendizagem, podem ser motivados a aprender, uma vez que a linguagem visual é utilizada por eles cotidianamente.

## **I.I) MÉTODO**

### **I I.1) Recursos utilizados**

Esta pesquisa tem caráter qualitativo e cunho bibliográfico e busca analisar as possibilidades de utilização do vídeo como aporte pedagógico. A pesquisa realizada foi desenvolvida a partir de materiais publicados em revistas conceituadas presente na base de dados do INEP, SCIELO, Google Acadêmico e em obras acadêmicas que tratam do tema.

Para o desenvolvimento deste projeto, foram utilizados os seguintes itens:

Computador, internet, sites de internet como Google Acadêmico, Revistas digitais: INEP, SCIELO, Literatura impressa.

### III) LEVANTAMENTO TEÓRICO

Atualmente, a gravação de vídeos para ser disponibilizados em plataformas virtuais, como YouTube, em formato de canais, e nas redes sociais em páginas ou *storys*, são constantes e atingem um grande público. Esses vídeos possuem diferentes finalidades, as quais objetiva entreter por exemplo, como auxiliar nas atividades escolares e nos estudos, dentre outros. Estes vídeos são disponibilizados na rede em forma de “miniprogramas” e ajudam a atrair *likes* ou críticas para os que produzem e promove compartilhamentos pelos que visualizam. É a partir disto que são difundidos os Canais particulares na Rede de Computadores.

Impressionante é que, “um conteúdo produzido numa cidadezinha do interior, por exemplo, pode ser acessado por internautas dos grandes centros municipais” (PELLEGRINI et al., 2010, p. 3).

A partir deste prisma, pode-se ter uma ideia de como os conteúdos são disseminados na rede, gerando assim grande popularidade e no caso das escolas, gera conteúdo a ser aprendido para tal conteúdo.

Será possível avançar mais nas questões de ensino, se os professores conseguirem “adaptar os programas previstos as necessidades dos alunos, criando conexões com cotidiano, com o inesperado, se transformarmos a sala de aula em uma comunidade de investigação (MORAN, 2008, p. 5).

A utilização de recursos audiovisuais como os vídeos na prática pedagógica é bastante difundida no contexto atual. Não obstante, a opinião que os vídeos servem apenas para “tapar buracos”, “matar aula” ou “diversão” vigorou e vigora em muitas escolas. Esse tipo de opinião assim como a existência dessa prática tem como pano de fundo a formação dos professores e gestores escolares para a utilização dos recursos audiovisuais está aquém do esperado.

O YouTube é uma plataforma de fácil acesso a todos e de fácil utilização e, conseqüentemente, de acesso à conteúdos, há possibilidades de interações como curtir, comentar e compartilhar vídeos postados gerando uma nova forma de movimentar os conteúdos a pessoas que nem tem acesso a vida do autor, mas, com ajuda tecnológica faz chegar a tantas pessoas, sendo assim,

“comunicação que se dá com pessoas conhecidas e desconhecidas sistematicamente” (PELLEGRINI et al., 2010, p. 5).

Por fim, é preciso que o professor avalie cada vídeo, a fim de que o mesmo contenha informações que sejam relevantes aos alunos durante a aula, para que fixem o conteúdo de forma consistente.

### **III.1) Literatura e a formação docente**

Com os avanços tecnológicos na sociedade contemporânea, as tecnologias despertaram o interesse das pessoas.

Para Citelli (2004, p. 83) a escola está sendo pensada, assim, como um espaço meditativo, cada vez mais cruzado pelas novas linguagens e pelas transformações científicas, tecnológicas, culturais e de comportamentos que marcam o mundo contemporâneo.

Nisto, ela deve buscar a interação, a prática e a colaboração para que o aluno tenha maior campo de pesquisa e seu sucesso educacional seja alcançado.

Para Moran (2000), as tecnologias re-encantariam os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, mas assim seria necessário maior empenho dos educadores que devem compreender as necessidades e exigências atuais, para então reinventar o ensino escolar trazendo maiores benefícios aos estudantes.

Durante as aulas de Literatura é comum seguir a metodologia dos conteúdos propostos pelos livros didáticos, que para Citelli (2004), se o professor não puder contar com o livro didático, ele fica sem chão, e sem o livro de respostas ele se torna refém. Inconscientemente, ele, o professor, deixa de trabalhar a dicotomia entre teoria e prática.

Segundo Behrens (2003), o papel do professor deixa de ser o “detentor” do saber, para ser o de facilitador do processo de aprendizagem, o mediador. O aluno deixa de ser passivo e dócil assim como citado por Gilouski (*Apud* BEHRENS, 2003) deixa de ser o receptáculo das informações, para ser um pesquisador ativo, construtor do seu conhecimento.

Portanto, a educação deixa de ser pela prática da memorização da informação transmitida pelo professor e passa a ser pelo viés da construção do

conhecimento realizada pelo aluno de maneira significativa, sendo o professor o facilitador desse processo de construção (BEHRENS, 2003).

A partir da simples pergunta, o que é Literatura? Há um desenrolar de pensamentos e de possíveis definições que se pode ter dessa mesma pergunta, pela sua pluralidade de conceitos que são complexos e ambíguos.

A Literatura está engajada no campo das artes (arte verbal), porém a expressão está associada à ideia de estética/valor estético.

A priori, Literatura vem do Latim *Litteratura*, a partir de *Littera*, letra<sup>1</sup>. Ora, nas línguas de origem europeias, a palavra “Literatura”, por via de regra, foi até o século XVII considerada como o saber, o conhecimento, as artes e as ciências em geral. Até meados da segunda parte do mesmo século, a palavra passou a designar, especificadamente, a arte verbal, o *corpus* textual que foi sendo incorporado nas estruturas como na prosa, no verso e na poesia.

Durante o século XVIII, o vocábulo “Literatura”, continuou ainda sendo designado como o conjunto de obras escritas nelas contidos, e passou, a adquirir uma nova concepção, mas especificadamente a das “Belas Artes” ganhando assim, uma conotação estética e passando a dominar a arte que se exprime pela palavra como salienta Matos (2001).

Nesta mesma segunda metade do século XVIII, Voltaire caracteriza a Literatura como uma forma particular de conhecimento e a partir dos seus valores estéticos, passa a ter uma relação particular com as letras. Diderot, na mesma linha de pensamento, define a Literatura impregnando novos valores estéticos. Diderot documenta que “para o lexema ‘Literatura’ foi acrescentado na segunda metade do século XVIII dois novos e importantes significados: específico fenômeno estético e específica forma de produção, de expressão e de comunicação artísticas (...) e *corpus* de objetos como os textos literários que são resultantes da produção e criação estética” (SILVA, 2007. p, 6).

Outro ponto é que a Literatura passa a ser considerada como “criativa” ou “imaginativa” a partir da história e da filosofia como ponto primaz de conhecimento para a época e para dar um pontapé inicial nos estudos, uma vez que a filosofia abarcava as demais ciências.

---

<sup>1</sup> Segundo Vítor Manuel de Aguiar e Silva, o lexema “Litteratura” já aparece, em língua portuguesa, num texto datado de 1510.

A Literatura no conceito de Cândido, tem a ver com o todo, seja no universo social, ideológico ou mesmo no simbólico. Assim, percebe-se o pensamento crítico do autor.

A literatura é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração e implicando uma atitude de gratuidade. Gratuidade tanto do criador, no momento de conceber e executar, quanto do receptor, no momento de sentir e apreciar (CANDIDO, 1965a, p.53).

Há um contraponto entre os autores quando é oportuno resgatar que a Literatura não seja tão ficcional nem tão pouco “imaginativa” porque ela emprega uma linguagem peculiar; e nestes moldes é que o russo Roman Jakobson apresenta uma “violência organizada contra a fala comum”, assim, “a Literatura transforma e intensifica a linguagem comum, afastando-se sistematicamente da fala cotidiana” (EAGLETON, 2006, p, 3)

O que é percebido em Samuel (2002, p.14) relembra as peças teatrais da Grécia Antiga, e nisto, a arte não pode ser enclausurada num contexto do tipo “arte é isto”. A arte escapa dos conceitos, dribla as incertezas e acredita em verdades acabadas; toda verdade é totalitária, comenta o autor.

O papel do professor é desenvolver com o aluno um pensamento crítico de acordo com a sua formação. Sendo assim, a Literatura deve ser ensinada de forma clara, com temas e leituras apropriada, e assim, o aluno terá a chance de identificar pontos importantes, compondo seu próprio pensamento e conhecimento.

O ensino da Literatura deve ser norteado pelos princípios da didática da integração como em Bredella (1989 *apud* Sozza, 2009, p. 350) que é colocado assim: “a disciplina em causa trata do objeto, a psicologia e a sociologia, estudam o aluno e a sociedade e a pedagogia estabelece e fundamenta os objetivos gerais da educação nos processos de aprendizagem”. Desse modo, o aluno deve ser atendido de forma a manter uma didática em transmitir o conhecimento e assim, este deve ser alcançado na composição do ensino.

E a formação do professor? Como afirma Bredella (1989) “a didática da Literatura como teoria da educação e da formação literária tem como missão

tornar conscientes todas as concepções, princípios e normas, de que quaisquer *práxis* que sempre exigiram socorrer-se”. Ou seja, o professor, além do conhecimento do ensino tradicional, deve também conhecer as várias concepções de seu objeto de trabalho.

E de acordo com Aguiar e Bordini (1988) “Se o professor está comprometido com uma proposta transformadora de educação, ele encontra no material literário o recurso mais favorável à consecução de seus objetivos”.

A partir daí a escola mantém o seu papel de gestora na formação dos alunos com professores bem mais preparados aos desafios da sociedade.

Mesmo com toda a oferta de trabalhos a serem desenvolvidos em sala de aula, ainda é preciso rever a figura do professor, este que deve contribuir para o conhecimento dos alunos.

É preciso ainda voltar a valorizar a leitura, visualizar os novos horizontes, tanto pessoal, cultural e profissional que a leitura possa desempenhar da vida de qualquer indivíduo. É a condição básica para a formação do sujeito cidadão.

Segundo Santos (2005, p. 5) fica evidente que:

A leitura para o professor é um instrumento básico de aperfeiçoamento de sua *práxis*, no atual contexto educacional, em que a transmissão e imposição de certezas e verdades pré-definidas e ultrapassadas, veiculadas pelos livros didáticos, estão sendo substituídas pela descoberta, crítica e transformação dessas verdades, presentes na realidade dos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Não é mais possível trabalhar somente com o livro didático, que na sua maioria, não relatam a realidade dos alunos e fazem com que o conhecimento fique restrito àqueles conteúdos.

De acordo com Santos (2005, p. 05) “a leitura é um grande auxiliador no sentido de instrumentalizar o professor para que ele lance um olhar crítico-reflexivo sobre sua prática escolar pedagógica”, o que pode possibilitar, assim, aumentar os limites de uma aprendizagem significativa relacionando-a com a realidade e a prática do dia a dia. Se o professor faz leituras diárias, este terá subsídios necessários para elaborar questões que sejam intrigantes e curiosas aos alunos, a interpretação passa a ser mais animada, mais cheia de

possibilidades interpretativas, pautadas nas leituras que o mestre traz para a ocasião, o conhecimento de mundo fica mais ampliado.

Para não ser obsoleto, é preciso que os profissionais da educação se tornem leitores, este é o maior desafio, que adquiram uma postura “preocupada com uma fundamentação teórica/científica capaz de compreender e superar o senso comum com autonomia suficiente para a elaboração da sua própria narrativa da realidade com qualidade e competência discursiva” (SANTOS, 2005, p. 5).

Através dos estudos, da leitura e do pensamento condutivo aos alunos em sala de aula é que o professor poderá mediar os questionamentos e pensamentos reflexivos dos alunos. Se este mesmo professor possui em sua prática a leitura, ele servirá também de modelo aos alunos, despertando nos mesmos, o desejo e a curiosidade pelo saber.

Há também, o professor que não possui o hábito da leitura, com isso, fica obsoleto em suas restrições educacionais.

Segundo Rese (2005, p. 4), “ caso o professor não leia, não saberá que o brasileiro não lê porque não tem acesso ao livro. Se o professor não lê, não saberá que é a biblioteca pública que desempenha papel fundamental no acesso aos livros”. E neste caso, não haverá o conhecimento da realidade, ele viverá em um mundo onde bastam apenas os conhecimentos que trazem o livro didático, ele fará suas aulas pautadas neste âmbito, e muitas vezes, o aluno será ceifado de novas possibilidades de conhecimento.

Como aponta Cunha (2002, p. 51):

A idéia de que a leitura vai fazer bem a criança e ao jovem, levamos a obrigá-los, como lhe impomos a colher remédios, a injeção, a escova de dente, a escola. Assim é comum sentir-se coagidos tendo que ler uma obra que não lhe diz nada e tendo de submeter-se a uma avaliação. É a tortura sutil e sem marcas, observáveis a olho nu, de que não nos damos conta.

Muitos professores fazem horrores com os alunos através do castigo, fazem da leitura uma obrigação, ao invés de fazer com que aluno se apaixone pela leitura, pelo conhecimento, pelas oportunidades de ver o mundo por outra ótica... este seria o ideal de ensino aos alunos, porém, não é o que acontece na prática.



Neste sentido, Yunes diz que (1988, p. 55):

Carecemos de um ambiente favorável à leitura que permitiria o nascimento de uma sociedade consciente das vantagens de ler, já que nos submetemos diariamente à avalanche dos meios de eletrônicos de comunicação, que tendem a oferecer-nos uma leitura acabada do mundo.

O hábito da leitura e do conhecimento nasce do desejo que é alcançado com muito esforço. Muitos profissionais da área educacional que trabalham com a formação não tiveram esta mesma expertise e não sabem doar através da motivação o conhecimento em sala de aula, nisto, permanecem estagnados com o conhecimento muitas vezes adquirido na sua própria formação. Esta pode ser uma das respostas à pergunta que ouvimos. “O povo brasileiro não gosta de ler”.

A escola mantém uma estrutura significativa de leitura em seu cotidiano, e vai além quando no processo de aprendizagem o aluno tende a descobrir que a leitura vai além do que decifrar alguns símbolos escritos. Ao escolher a profissão, o professor se servirá de inspiração e exemplo a outras pessoas.

O conhecimento é um acúmulo de várias possibilidades de leituras e aprendizados que são ajuntados e o professor, em especial, não pode ser visto como um ser dotado de verdades e razões, contudo, este profissional deve ter como meta a permanência em seu estado de docente, formador de opinião e que saiba acima de tudo ensinar seus alunos a resolver seus próprios problemas a partir do conhecimento adquirido. Para Silva (2004, p. 168):

Nunca é demais lembrar que a docência não é um dom, mas um ofício construído através de um processo formativo que envolve um percurso pessoal e profissional de vida. Um percurso que é dinâmico contínuo e progressivo. O compromisso fundamental do professor é com a organização-transmissão do saber e com a formação do ser humano naquilo que lhe cabe através de currículo escolar.

Contudo, o professor deve ser o mediador do conhecimento a partir das suas experiências de leituras e de conhecimentos adquiridos ao longo do tempo. Ele, o professor, deve ser a ponte que liga os dois mundos, o formativo e o profissional que o aluno deverá perpassar enquanto estiver no ambiente escolar.

### III.2) Relação entre Literatura e o vídeo

A Literatura é uma área de conhecimento de suma importância para a formação do cidadão, não somente pela gratuidade e entretenimento que a ficção proporciona, mas pelas situações ou condições de inspiração que são apresentadas nas obras, estas levam o leitor a uma reflexão de sua vida ou ainda refletir experiências, valendo-se do realismo cotidiano, ora do mundo maravilhoso e fantástico, conforme em Coelho (1997).

Cândido (1995) afirma que a Literatura desenvolve no ser humano uma sensibilidade que o torna mais reflexivo e compreensivo, críticos e abertos para novos olhares e possibilidades diante da condição humana. Assim, a leitura permite que seja feita uma reflexão do mundo à nossa volta e se abre a novas perspectivas e conhecimentos.

Aprendemos a ler a partir do contexto pessoal Martins (1994) e para seguir além das linhas e entrelinhas Silva (2003), é preciso valorizar o ato de ler que começa na decodificação de palavras escritas. Segundo Paulo Freire no livro – A importância do ato de ler (1989), da palavra escrita articula-se com a leitura de mundo, uma vez que “a leitura da palavra é sempre precedida da leitura de mundo” (FREIRE, 1989, p. 9) significa que a leitura do impresso veiculada em livros ou telas de eletrônicos, está intimamente relacionada com as experiências e as vivências dos leitores.

Refiro-me à que a leitura de mundo se trata de leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura de mundo, mas que por certa forma de ‘descrevê-lo’ ou de ‘reescrevê-lo’, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente (FREIRE, 1989, p.22).

Em Orlandi (2003), distingue a leitura mais ampla que é a “produção de sentidos”, o que se justifica no uso tanto da escrita quanto da oralidade. Quando em contato com algum exemplar de qualquer natureza, torna-se possível o ato de ler, assim, pode-se falar de leitura tanto da cotidiana da balconista, do feirante, e do cordelista ao texto de Aristóteles. Isto requer um poder cultural, isto é, os saberes prévios que Freire (1989) evoca, que são lembranças e saberes que os leitores recorrem a fim de produzir sentidos às leituras que fazem.

Os avanços científicos do último século proporcionaram mudanças significativas na sociedade e, em especial, no contexto escolar, pois, professores e alunos passaram a contar com novas ferramentas de auxílio no processo de ensino e aprendizagem, como as tecnologias digitais, a exemplo de computadores, televisão, internet e celulares.

Tradicionalmente, a forma de ensinar tem sido apoiada nas linguagens verbal e escrita. Esta provém do ensino no qual o professor é o mediador do conhecimento: leitura e transcrições de textos, perguntas e respostas orais e escritas e pouco espaço para o uso de outras linguagens.

Neste contexto, este período histórico em que a humanidade se encontra, tem sido classificado como Pós-Moderno e caracterizado pela fluidez, (BAUMAN, 2001), além de ter acompanhado a aceleração e as transformações tecnológicas que a sociedade vive dia após dia. Neste caso a atenção se dobra pela forma como o conhecimento é ministrado em sala de aula para os estudantes e como estão construindo esses conteúdos.

Como a sociedade está muito rápida na informação que é difundida diariamente na mídia, os docentes têm se preocupado com a maneira como os estudantes tem buscado e compreendido as informações que estão presentes em seu contexto, como forma da busca pelo conhecimento por parte dos estudantes. O estudioso historiador Peter Burke argumenta que:

O grande problema é diferenciar entre o que é teórico da informação Claude Shannon chama de 'ruído' inútil e a informação útil. Uma das razões pelas quais o governo não estava preparado para os acontecimentos de 11 de setembro, apenas dos alertas dos serviços de informação, foi porque os alertas se perderam no ruído. Outros comentaristas falam em 'sobrecarga cognitiva' ou 'angústia de informação'. Essa angústia não é nova. As reclamações de 'enxurrada' ou 'dilúvio' de livros remontam ao primeiro século da imprensa. De todo modo, a gravidade do problema só tem aumentado com o ritmo cada vez mais acelerado da produção e disseminação do conhecimento (BURKE, 2012, p. 311)

É preciso ainda que o professor tenha cuidado com o excesso de informação, tendo ele que selecionar o que utilizar para não gerar confusão no processo aprendizagem. "O professor torna-se um animador da inteligência

coletiva dos grupos que estão ao seu emprego. Sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens” (LÉVY, 2010, p. 173).

Há diversos posicionamentos em relação às transformações que foram causadas pelas tecnologias, e algumas foram contrárias e outras favoráveis, em vista da divergência de opiniões sobre o uso de tecnologias na escola.

Vale considerar que os indivíduos nascidos e crescidos imersos na tradição escolar, estes centrados em textos impressos, estes possuem uma certa barreira quando o assunto é outras possíveis formas de linguagens.

Em se tratando de tecnologia, o computador pode ser um bom exemplo, uma vez que quando buscamos a na memória a recente utilização do computador, este, por sua vez, possui uma funcionalidade que se tornou indispensável para o ser humano, uma vez que ele passou a ser utilizado para diversas funções.

Assim, Ana Elisa Ribeiro (2005), ao cruzar informações do relacionamento das tecnologias com a leitura, ressalta que o surgimento do computador e da internet passou a ser indispensável para a vida do homem.

Ainda destaca Ribeiro (2005, p. 129) que “todas as novas formas de ler que aparecem ser vilãs são na verdade novas possibilidades de leitura”. Sendo assim, o leitor passará a buscar novas formas de adequadas de leitura sem descartar o repertório que possui.

### **III.3) O ensino de Literatura com a utilização das tecnologias de informação e comunicação**

O estatuto do leitor e da leitura no âmbito dos estudos literários, dimensiona o papel do professor não só como leitor, mas como mediador no contexto das práticas escolares e literárias.

Observando as escolhas dos jovens fora do ambiente escolar podemos constatar uma desordem própria da construção do repertório de leitura dos adolescentes. Estudos recentes apontam as práticas de leitura dos jovens fundadas numa recusa dos cânones da literatura (BRASIL, 2006, p.61).

Dionísio (1998) diz que para ser leitor é preciso que o indivíduo mantenha um repertório vasto de práticas leituras culturais que o ajude a

apropriar de saberes de diferentes ordens que são acionadas e evocadas durante a leitura de novos textos a partir das condições de produções dessas leituras no âmbito escolar e nos objetivos que a escola também elege realizá-los.

Os objetivos são também importantes para outro aspecto da atividade do leitor que contribui para a compreensão a formulação de hipóteses. Vários autores consideram que a leitura é medida, uma espécie de jogo de adivinhação, pois o leitor ativo realmente engajado no processo elabora hipóteses testa à medida que vai lendo o texto, o texto não é um produto acabado, que traz tudo pronto para o leitor receber de modo passivo ora, uma atividade das atividades do leitor, fortemente determinada pelos seus objetivos e suas expectativas, é a formulação de hipóteses de leitura. (KLEIMAN,2000).

O simples ato de passar os olhos pelas decodificações das palavras formadas nas linhas, implica importante atividade complexa de procura por parte do leitor, no seu passado através de suas lembranças e conhecimentos que são relevantes Bakhtin (2003), isto é a capacidade de leitor reagir retrocando, silenciando, acalmando-se, enfim, ele compreende e reage aos discursos dos textos de diferentes maneiras.

A formação de um leitor literário significa a formação que saiba apreciar construções e significações, tem de saber usar estratégias verbais de cunho artístico, que faça parte de seus afazeres e prazeres. Esse leitor tem que saber usar estratégias de leitura adequadas aos textos literários, aceitando o pacto ficcional proposto, com reconhecimento de marcas linguísticas de subjetividade, intertextualidade, indiscursividade, recuperando a criação de linguagem (PAULINO, 1998, p.8).

Criou-se a mentalidade de que a leitura seria uma tarefa escolar e que só é possível formar leitores críticos na sala de aula. Isso é uma grande inverdade, pois a proposta de leitura como atividade “obrigatória” e sem mediação de qualidade, torna-se ineficaz e poucos continuam a trilhar este caminho.

O conteúdo literário é imenso pela sua densidade de produção que aborda diversos aspectos como os estéticos, relativos à criação literária e a leitura pode proporcionar diversas análises através dos seus elementos.

De acordo com as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM), que justificam o ensino de Literatura como o cumprimento do Inciso III

do Art. 35 da Lei nº 9.394/96, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que trata dos objetivos a serem alcançados pelo Ensino Médio: “III) aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico” (MEC, 2008, p. 53).

Ao trazer o texto para a centralidade do assunto discutido é tão importante, o que não significa ignorar suas condições de produção. A proposta das OCEM (MEC, 2006) é justamente essa:

Quando propomos a centralidade da obra literária, não estamos descartando a importância do contexto histórico-social e cultural em que ela foi produzida ou as particularidades de quem a produziu (até porque tudo isso faz parte da própria tessitura da linguagem), mas tomando – para o ensino da Literatura – o caminho inverso: o estudo das condições de produção estaria subordinado à apreensão do discurso literário. Estamos, assim, privilegiando o contato direto com a obra, a experiência literária, e considerando a história da Literatura uma espécie de aprofundamento do estudo literário (MEC, 2008, p. 76-77).

Nesta perspectiva é que o professor precisa compreender que seu trabalho abrange não apenas um objeto estético ao colocar o texto em cena na aula de Literatura, mas, deve antes proporcionar uma abertura para objetos estéticos como: música, pintura, filmes e outros contextos produzidos e consumidos.

Diante dos dizeres de Carvalho e Domingo, “a literatura apresenta essa particularidade de abertura, ao promover a intersecção com outras formas de arte ou conhecimento, abrindo-se para outras formas de experiência humana” (2012, p. 2).

Nos últimos anos, as vendas de filmadoras, máquinas digitais, celulares com uso de canais de internet para a interação com o mundo cibernético, passou a ser mais propenso a alimentação da rede da internet com vídeos. Mattar (2009) afirma que há críticas que são recebidas por parte de alguns autores, porém, salienta que a cultura do vídeo é cada vez mais disseminadora e faz parte do cotidiano dos alunos. Assim sendo, a escola deve aproveitar e incorporar esses elementos e utilizá-los como ferramenta de aprendizagem.

Tão importante quanto, Vicentini (2008) argumenta que a disseminação dos vídeos inicialmente como maneira de disponibilizar aos professores um recurso que seja acessível e barato para fazer com que as aulas sejam dinâmicas e interessantes.

Este trabalho não pretende externalizar as formas de edições dos vídeos, mas sim, este se propõe a utilizar da premissa pedagógica para auxiliar os alunos na compreensão da Literatura Brasileira e todo o seu universo a partir do burilar dos conteúdos em vídeos explicativos, com imagens claras de épocas, termos específicos, entre outros.

A partir de um novo olhar, o vídeo deve ser enxergado como um novo elemento no aparato para o aprendizado em sala de aula, o que não substitui outros recursos, nem tão pouco o livro didático.

As inúmeras possibilidades de trabalho não excluem em nada no processo educativo e o uso de novas mídias, como o vídeo, tendo em vista as percepções que poderão ser geradas no aluno para seu aprendizado.

Como a internet é um vasto território a ser pesquisado, as muitas opções de vídeos devem ser pautadas na percepção e no conhecimento primeiro do professor que fará uso do conteúdo para ministrar a aula aos alunos.

Há ainda a possibilidade, quando em projeto particular desenvolvido em sala de aula, de os alunos fazerem o próprio conteúdo e assim, com caracterizações próprias e pesquisas do tempo da obra, desenvolverem o próprio vídeo – conteúdo do período estudado pela sala.

Moran (1995) apresenta algumas situações de uso de vídeos em aula, das quais destaca-se:

- **Vídeo como sensibilização:** para introduzir um novo assunto, despertar a curiosidade e motivar os alunos;
- **Vídeo como ilustração:** como forma de apresentar cenários desconhecidos aos alunos;
- **Vídeo como simulação:** para mostrar, por meio de simulação, processos químicos, por exemplo;
- **Vídeo como conteúdo de ensino:** para informar sobre conteúdo específicos;

- **Vídeo como produção:** registro do trabalho desenvolvido, intervenção ou expressão.

### **III. 4) O vídeo como recurso pedagógico para o professor de Língua Portuguesa para trabalhar a Literatura**

O uso do vídeo não pode ser resumido em sala de aula somente como novidades ou diversidade; sua utilização e estruturação devem ser pensadas como uma ferramenta para o uso didático. Isso implica como mencionado no capítulo I deste trabalho nas situações em que o profissional da educação deve sempre ir em busca de conhecimento que o ajudará a adaptar-se às novas exigências.

Para Ferréz (1996, p. 20) “Sob o enfoque didático, apenas se tem começado a explorar e a experimentar suas múltiplas possibilidades de aplicação em aula”. Ainda assim, pode-se dizer que os recursos ainda apresentam pontos a serem descobertos e explorados de forma significativas.

Ainda segundo o Autor (1996, p. 34):

O futuro está em uma nova interação aluno- máquina- professor. O trabalho do professor começa onde acabam os meios. O professor informador e o aluno-ouvinte terão que ser substituídos pelo professor-animador e pelo aluno-pesquisador.

Logo, o futuro está permeado de recursos tecnológicos que cada vez mais exigirá nova interação do homem em meio às máquinas.

É preciso que os professores aproveitem a vantagem provocando nos alunos maior envolvimento escolar. Segundo Moran (1995, p. 27):

O vídeo mexe com o corpo, com a pele nos toca e tocamos os outros, estão a nosso alcance através dos recortes visuais, do close, do som estéreo envolvente. Pelo vídeo sentimos, experimentamos sensorialmente o outro, o mundo e nós mesmos [...] O vídeo nos seduz, informa, entretém, projeta em outras realidades (no imaginário) em outros tempos e realidades. Ele combina a comunicação sensorial sinestésica, com a audiovisual a intuição com a lógica, o emocional com a razão. Combina, mas começa pelo sensorial, pelo emocional e pelo intuitivo, para atingir posteriormente o racional.



A linguagem do vídeo responde à sensibilidade dos jovens e adultos pela sua dinâmica. Por isso, o professor deve atentar para o uso dessa ferramenta a seu favor, buscando inovações nas práticas de trabalho em sala de aula.

Carneiro (1997, p. 10) defende que:

As escolas devem incentivar que se use o vídeo como função expressiva dos alunos, complementando o processo ensino e aprendizagem da linguagem audiovisual e como exercício intelectual e de cidadania necessária em sociedade que fazem uso intensivo dos meios de comunicação, a fim de que sejam utilizados crítica e criativamente.

A expressiva linguagem audiovisual possibilita que professores levem aos alunos em sala de aula conhecimentos de culturas distintas. Ferrés (1996, p. 32) acrescenta que:

A tecnologia do vídeo é multifuncional: podendo-se utilizá-la (infra utilizar-se) para reforçar a pedagogia tradicional, mantendo uma escola centrada exclusivamente na transmissão de conhecimentos; entretanto, também se pode utilizá-la para transformar a comunicação pedagógica. Assumir toda a sua potencialidade expressiva significa assumir este desafio de transformação da infraestrutura escolar.

Com a chegada da TV em 1950, foi inaugurado no Brasil um novo tempo em que as possibilidades de se ter numa tela projetada com uso de som e imagem as mais belas gravações da ficção para a realidade.

Pouco tempo depois o vídeo foi incorporado como parte do concreto, do visível, do imediato, do próximo, que toca os sentidos. De acordo com MORAN (1995, p. 28) “pelo vídeo sentimos, experimentamos sensorialmente o outro, o mundo, nós mesmos”.

Com isso o mesmo autor afirma que o vídeo em sala de aula explora também e basicamente o ver: as situações, pessoas, cenários, cores, relações espaciais (próximo – distante, auto – baixo, direita – esquerda, grande – pequeno, equilíbrio – desequilíbrio).

Este exercício é praticado pela ótica do ver, que é entrecortado por diversas imagens, múltiplos recortes da atualidade, ritmos visuais, imagens estáticas e dinâmicas, ao vivo que são gravadas e manipuladas por *softwares*

computacionais a fim de proporcionar um ato sensorial no telespectador, no caso o aluno em sala de aula.

O ver na maior parte dos casos, está apoiando o falar, o contar histórias e o narrar.

A fala aproxima o vídeo do cotidiano e de como as pessoas podem se comunicar, assim, os diálogos em geral expressam a fala coloquial, enquanto o narrador pode “costurar” a cena orientando a ação do conjunto.

De acordo com MORAN (1995), o vídeo também é expresso pela escrita: textos, legendas, citações que aparecem na tela, traduções de legendas de filmes, que através do gerador de caracteres, permite colocar textos coloridos, de vários tamanhos e com rapidez fixando ainda mais a significação atribuída à narrativa.

Toda ação em sala de aula só pode ter um ótimo fim quando o vídeo for pensado adequadamente e puder contribuir significativamente para o desenvolvimento dos trabalhos em sala de aula.

Parafraseando MANDARINO (2002, p. 3) ao analisar um vídeo é preciso verificar todas as suas potencialidades para o processo de ensino aprendizagem, e a partir dessas análises, torna-se possível a construção dos planos de aula.

Sendo assim, MANDARINO (2002, p. 4) adverte sobre alguns pontos a serem considerados no planejamento de uma aula com vídeo:

- Ao explorar um vídeo, deve-se fazer analogias com outras concepções, métodos, técnicas e resultados que já foram ou podem ser explorados em sala de aula;
- O vídeo pode ter a função de apresentar conceitos novos ou já estudados no sentido de motivar o aluno, despertar a curiosidade e interesse, além de transmitir as ideias básicas relacionadas com o conteúdo da aula;
- O vídeo deve ser complementado pela apresentação dos conceitos/conteúdos na forma textual. O texto pode ser mais linear, detalhado e acrescido de exercícios de fixação e aplicação. Vídeos e textos devem se complementar mutuamente;
- O vídeo tem a capacidade de aproximar o conhecimento científico do cotidiano, fazendo com que algumas concepções do senso comum passem a se fundamentar nas ciências;

- A dinâmica e o tempo de aula devem ser bem planejados, pois o uso do vídeo pressupõe sempre a atuação do professor;
- O vídeo pode ser usado como instrumento de leitura crítica do mundo, do conhecimento popular, do conhecimento científico e da própria mídia.

Quando se fala em analisar ou escolher um material didático, deve se levar em consideração a qualidade do material e para MANDARINO (2002) etimologicamente *qualitas* significa essência; e assim alguma coisa possui qualidade se há essência, se possui relevância ou é importante.

Nas atividades pedagógicas de uma escola no interior do Estado de Minas Gerais, há o trabalho com uso de vídeos em sala de aula.

No início do semestre o professor faz a conceituação do que é o projeto com seus objetivos e fins para a compreensão dos alunos.

Os alunos são agrupados para desenvolverem a ação, cada grupo se preocupa em adquirir a obra proposta pelo professor e fazer a leitura, interpretações, saber a fundo sobre o autor e sobre a obra através de diversas pesquisas.

O professor faz seu papel de mediador a cada semana em uma aula destinada a tirar as dúvidas dos trabalhos e auxiliar os alunos na composição das suas pesquisas.

Ao final do semestre, o professor recolhe as mídias contendo o produto final na forma de vídeo e agenda a apresentação que é feita com todos os alunos em sala de aula para apreciação de todos através da obra dramatizada, gravada, editada e renderizada pelos alunos.

#### **IV) CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O que também permeia no ambiente escolar, onde na maioria das vezes os professores não sabem utilizar como ferramentas pedagógicas, proporcionando um novo saber mais complexo ao aluno a partir das novas tecnologias.

A escola deve assumir este novo desafio da era midiática, sendo difusora dos conhecimentos para que seus alunos possam ter a chance de participar de novos trabalhos e composição de saber a partir do que utilizam no dia a dia.

Através de literaturas e de artigos pesquisados para a elaboração deste material, há uma nítida percepção que a escola deve transformar-se num universo mais próximo dos alunos, assim, a escola deve inovar em conhecimentos e aparatos para que os alunos tenham mais interesse em gerar conhecimento a partir de professores preparados para lidar com o cotidiano dos alunos e da vivencia social em que estamos inseridos.

## V) REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BEHRENS, Marilda Aparecida. **Docência Universitária**. Curitiba: Papyrus, 2003.  
BRASIL. MEC. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**. Brasília: MEC/Semtec, 2008.

BURKE, P. **Uma história social do conhecimento II: da Enciclopédia à Wikipédia**. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BRASIL. **Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Linguagens, códigos e suas tecnologias/ Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, 2006. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf> Acesso em: 01 de abril de 2019.

CANDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. São Paulo: Ciência e Cultura, 1965.

CANDIDO, Antônio. **Vários escritos** – edição revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CARNEIRO, V. **O educativo como entretenimento**: um estudo de caso. Tese de Doutorado, USP, 1997.

CARVALHO, Aldenora Márcia C. Pinheiro; DOMINGO, Reinaldo Portal. **As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) no ensino de Literatura**: uma perspectiva pós-moderna. Revista Letras Raras (UAL/UFCG), v. 1, nº 1, 2012.

CITELLI, Adilson. **Comunicação e Educação**. A linguagem em movimento. São Paulo, SP Senac, 2004.

COELHO, N. N. **Literatura Infantil**: teoria – análise – didática. São Paulo: Ática, 1997.

CORTÊS, H. **A importância da tecnologia na formação de professores**. Revista Mundo Jovem. Porto Alegre, n. 394, p.18, mar de 2009.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil**: teoria e prática. 18 ed. São Paulo: Ed Ática. 2002.

DESSBESELL, Daiane Luza; FRUET, Fabiane Sarmiento Oliveira. **O potencial do hipertexto para o ensino aprendizagem da leitura**. Temporis (ação), v. 12, nº 1, p. 40 – 59, jan. /dez. 2012.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura**: uma introdução. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FERRÉZ, Joan. **Vídeo e educação**. In.: \_\_\_\_\_. O uso didático do vídeo – modalidades. Porto Alegre: Arte Libâneo s Médicas, 1996. p. 20-30.

FREIRE, Paulo, **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23 ed. São Paulo: Cortez, 1989.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência** – o futuro do pensamento na era da informação. 13. ed. Trad. Carlos Irineu Costa. São Paulo: Editora 34, 2010.

MATOS, Maria Vitalina Leal de. **Introdução aos Estudos Literários**. Lisboa, Verbo, 2001.

MATTAR, João. Interatividade e aprendizagem. In: LITTO, Fredric Michael; FORMIGA, Manuel Marcos Maciel (Orgs.). **Educação a distância**: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. cap. 16, p. 112-120.

MORAN, J. M., **O vídeo na sala de aula**. In Revista Comunicação & Educação. São Paulo, ECA-Ed. Moderna, [2]: 27 a 35, jan. / abr. de 1995.

MORAN, José Manuel. **Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias**. Informática na educação: teoria & prática, v. 3, n. 1, 2000. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/InfEducTeoriaPratica/article/view/6474>>. Acesso em: 18 junho 2018.

MORAN, José Manoel. **As mídias na educação**. (2007). Disponível em: <[http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias\\_educacao/midias\\_educ.pdf](http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_educacao/midias_educ.pdf)>. Acessado em 17 de jun. de 2018.

MORAN, José Manuel. **O vídeo na sala de aula**. (1995). Revista de Comunicação e Educação. Vol. II. Número 27 a 35. Jan. / abr. 1995. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36131/38851>>. Acesso em: 30 dez. 2018.

MORAN, J. M. Mudar a forma de ensinar e de aprender com tecnologias. Disponível em: <[http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias\\_educacao/uber.pdf](http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_educacao/uber.pdf)> . Acesso em: 25 fev. 2019.

NEVES. Josélia Gomes. **Paulo Freire e as questões do nosso tempo**: recorte para uma reflexão. Revista de Educação, Cultura e Meio ambiente. Vol. IV. Número 20. Páginas 1 – 12. 2000. Disponível em: < [http://www.revistapresenca.unir.br/artigos\\_presenca/20joselia\\_palulofreirequestadonossotempo.pdf](http://www.revistapresenca.unir.br/artigos_presenca/20joselia_palulofreirequestadonossotempo.pdf)>. Acesso em: 05 dez. 2018.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e Leitura**. 8 ed. São Paulo, Cortez, 2008.

PATTO, Maria Helena Souza. **Psicologia Escolar**. 3ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997. P. 464.

PELLEGRINI, D. P. et al. **Youtube**. Uma nova fonte de discursos. [Internet]. 2013. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-pelegrini-cibercultura.pdf>>. Acesso em 22 dez. 2018.

RESE, Mara Cristina Fischer. **Professor que não lê, também não incomoda**. A notícia, Florianópolis, p. 4, fev. 2005.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Ler na tela** – letramento e novos suportes de escrita. In: COSCARELLI, Carla V. RIBEIRO, Ana E. (orgs) Letramento digital – aspectos digitais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2005. p. 126 – 150.

SANTOS, Agada Hilda Steffen dos. O desafio de ser um professor-leitor. **A notícia**, Florianópolis, p. 4, 05 fev. 2005.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. **Teoria da Literatura**, 8<sup>o</sup> Edição, Coimbra, Almedina, 2007.

SOZZA, Fátima Aparecida de Oliveira. **Literatura e ensino**: formação do professor x formação de leitor do aluno. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS. 3, 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2009, p. 345-356.

VICENTINI, G., WERGUERS, D., SOUZA, M. J. C. **O uso do vídeo como instrumento didático e educativo em sala de aula**. 1998. Disponível em < <http://home.furb.br/mariadomingues/site/publicacoes/2008/eventos/evento-2008-09.pdf>>. Acesso em 25 nov 2018.

YUNES, Eliana. **Leitura e leituras da literatura infantil**. São Paulo: FTD, 1988.